

AQUILINA MARIA DA CONCEIÇÃO: DA IMAGEM ANÔNIMA AO REGISTRO DO RECONHECIMENTO CARREGADO DE MEMÓRIAS

Carlos Carneiro de Jesus¹

Eleuda Santos Nascimento²

RESUMO: O presente trabalho toma corpo a partir da inquietação de ver a imagem de uma mulher negra, jovem, bonita, de sorriso largo, que aparece pela primeira vez em 1947 e depois disso em muitos outros trabalhos acadêmicos e artigos diversos, porém, sempre sem a devida identificação. Dessa forma, são objetivos desta pesquisa identificar e nomear a mulher na fotografia, exaltar a imagem da mulher no entorno do palco da guerra de Canudos e enaltecer o recurso da oralidade como fonte para a história, além de recurso para pesquisas e estudo na área da memória. Naturalmente os objetivos nos levaram aos métodos, sendo a revisão bibliográfica, as entrevistas e a comparação divergente e convergente das diversas informações, resultando na identificação da personagem histórica Aquilina Maria da Conceição. Desse modo, este artigo a retirou do anonimato e dos escombros literários nos quais a história oficial a manteve, conforme concluiu os seus descendentes: filhos, neta e bisneto. A mulher na imagem que até então estava dissociada do seu nome e história, agora pode ser vista de outra forma.

PALAVRAS-CHAVES: Aquilina Maria da Conceição. Descendentes. Anonimato. Imagem.

ABSTRACT: This work took shape because of our discomfort in seeing the image of a young, beautiful black woman, with a wide smile, who appears for the first time in 1947 and, after that, in many other academic works and various articles, however, always without proper identification. Therefore, the objectives of this research are to identify and name the woman in the photograph, exalt her image around the scene of the Canudos war and praise the resource of orality as a valid source for history and for researches and studies in the area of memory. Naturally, these objectives led us to the methods, them being the bibliographical review, the interviews and the divergent and convergent comparison of the various information, resulting in the identification of the historical character of Aquilina Maria da Conceição. Thus, this article removed her from the anonymity and literary rubble in which the official history had maintained her, as concluded by his descendants: her children, granddaughter and great-grandson. The woman in the image, that was dissociated from her name and history, can now be seen in another way.

KEYWORDS: Aquilina Maria da Conceição. Descendants. Anonymity. Image.

¹ Graduando em História pela UNEB – Universidade do Estado da Bahia.

² Graduanda em Administração pela Uniaselvi, descendente de conselheiristas.

INTRODUÇÃO

Este trabalho surge a partir da inquietação de ver a imagem de uma mulher negra, jovem, bonita, de sorriso largo que aparece em muitos trabalhos acadêmicos sobre a participação indígena, negra, e da mulher na guerra de Canudos, como também em fotorreportagens que tratam do modo de vida, da bravura, resistência e descendência dos sobreviventes do conflito, porém, sem sua devida identificação. Essa mulher possibilitou a esses trabalhos visibilidade e encantamento por meio de sua imagem, exaltando-os, porém, ficou, enquanto personalidade, durante muito tempo no anonimato. O presente artigo, portanto, tem a relevância de retirar dos escombros literários da história oficial o nome e a história desta mulher, filha de conselheiristas que foi registrada naquela imagem preta e branca lá em meados da década de 40.

Esperamos, assim, dar nome, vez, voz e consistência à mulher na imagem, Aquilina Maria da Conceição, a qual apresentaremos o modo de vida, seus antepassados e descendentes para que a partir dessa pesquisa fique conhecido o nome da mulher que foi fotografada pelo expoente fotógrafo Pierre Verger em um dia de feira nos idos de 1946 na segunda Canudos.

Também é um dos nossos objetivos, enaltecer o recurso da oralidade como fonte possível para pesquisas históricas e estudos na área da memória, entendendo-a como algo vivo, com as perspectivas dos depoentes respaldadas em relatos vivenciados pelos seus antepassados, possibilitando gerar documentos significativos e válidos, dessa forma, é de grande relevância considerá-la como nos alerta Paul Thompson:

a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos (THOMPSON, 1992, p. 17).

Como metodologia utilizamos a colheita de informação, por meio das entrevistas onde os descendentes de Aquilina Maria da Conceição apresentaram suas memórias, vivências e impressões a partir de suas próprias convivências e dos relatos ouvidos repetidamente dos mais velhos. Recorremos também ao método da revisão bibliográfica para dar consistência teórica ao trabalho, desse modo atrelamos as fontes orais aos teóricos para ampliar as discussões sobre a abordagem deste trabalho.

O historiador deve ter o compromisso com a verdade, de forma alguma ele pode ignorar documentos ou evidências que contradizem seu estudo, tivemos em vários momentos desta pesquisa algumas divergências, como por exemplo a escrita do nome, enquanto alguns escreviam e pronunciavam “Arquelina”, o ano da primeira fotografia,

se era ou não na feira livre da segunda Canudos, se ela esteve ou não na recepção do então Presidente Getúlio Vargas e para elucidá-las foi necessário rever documentos, ouvir novamente os entrevistados, fazendo cruzamentos de dados, das idades dos filhos de Aquilina Maria da Conceição para chegar ao consenso e a finalização deste resultado, trabalhando com muito respeito e responsabilidade, pois se trata de algo delicado, a memória que é muito particular de cada filho, neto, bisneto onde cada um apresenta uma emoção e uma relação diferente, carregada de significados.

A recordação do passado é necessária para afirmar a própria identidade, tanto individual como de grupo. Um e outro também se definem, evidentemente, por sua vontade no presente e seus projetos de futuro; mas não podem prescindir dessa primeira lembrança (TODOROV, 2002: 199).

Recordação é um assunto recorrente nesse trabalho, como uma espécie de recuperação de um passado do pós-guerra do conflito em Belo Monte como um passado que sempre brota quando vemos a fotografia, quando ouvimos sobre e quando falamos, desse modo é um passado sempre presente, que persiste enquanto existirmos, já que nos apropriamos das lembranças para falarmos de nossas memórias.

Escrito a duas mãos, cada uma com formação distinta, embora enquadradas na área de humanas, a coautora absorve a pesquisa de forma mais intensa e passional devido ao vínculo familiar com a sua vó Aquilina Maria da Conceição, ao coautor cabe a sistematização e a seleção narrativa mais adequada ao estilo literário do trabalho. Dessa forma, entre choros, angústias, risos e descobertas foram se conjugando as percepções no conjunto de palavras que tece esse texto.

Da perspectiva da coautora, falar de Canudos é falar da própria vó, é falar de si mesma e de tantas mulheres antes dela que deixaram um legado por meio do modo de vida com ensinamentos de honradez, respeito e força, conhecimentos que nem uma academia por mais reconhecida que seja consiga transmitir, pois está na base familiar, percorrendo gerações.

Assim, recorrendo à memória dos depoentes por meio da colheita de entrevistas foi-se tecendo partes deste trabalho até chegar ao todo regado a emoção, reflexões e descobertas que possibilitou ensinamentos por parte de uma personalidade que viveu boa parte da primeira metade do século XX nos arredores do palco da guerra de Canudos e que apesar de todas as adversidades do período, foi uma mulher além de seu tempo.

CONHECENDO AQUILINA MARIA DA CONCEIÇÃO

Aquilina Maria da Conceição era uma jovem mulher negra, no auge de seus 29 anos, casada e com filhos, certamente vendendo e também comprando mantimentos para a subsistência da família, quando foi fotografada em 1946 por Pierre Verger na ocasião

que este esteve na segunda Canudos com o autor Odorico Tavares realizando um trabalho que foi na revista “O Cruzeiro” (TAVARES;VERGER, 1947).

Figura 01: Aquilina Maria da Conceição.



Fonte: Fundação Pierre Verger. Disponível em: <https://www.pierreverger.org/br/acervo-foto/fototeca/category/429-canudos.html>. Acesso em: 21 de abr. 2024.

Falar de Aquilina é falar de representatividade das mulheres e das mulheres negras, ainda que a supremacia branca não veja e não queira ver, que deduza sua inferioridade, seja pelo preconceito velado ou escancarado, muitas vezes denunciado pelas páginas da literatura onde a cidadania parece não chegar para as mulheres. Pois, se não se tem notícias claras do protagonismo delas, será que não fizeram nada, estavam sempre passivas? Desde a Guerra de Canudos as mulheres estiveram no anonimato, na figuração, o que se tem a respeito delas é irrisório diante da produção referente aos homens.

Essas questões também angustiam o pesquisador João Batista da Silva Lima ³, que por coincidência é bisneto de Aquilina. No trabalho intitulado “Maria Ernesto: das ruínas à imagem”, ele faz inúmeras indagações que parecem não ter respostas:

³ Historiador canudense. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós Crítica /UNEB).

E as mulheres, as parteiras, benzedoras, as combatentes, o que se fez com essas narrativas?

[...] inúmeras mulheres rendidas, fizeram prisioneiras também suas crianças. Quais seus nomes? São Marias, das Dores, das Graças, de Jesus, Domingas. Seus nomes foram esquecidos pela literatura euclidiana em Os Sertões. (LIMA, 2023, p.3).

Nesse mesmo tom de denúncia e descontento, as canudenses de ontem e de hoje também gritam e dizem “temos memória!”, embora a memória que é preservada e exaltada é a da elite branca e é nítido isso, pois está no nome das ruas, nos palácios, espaços públicos e institucionais. Dessa forma, preserva-se a memória que lhe interessa, enquanto isso a memória popular, a memória do povo negro, do pobre, é marginalizada, muitas vezes criminalizada e escondida ao máximo. Assim, preservar a memória do povo de Canudos, dos filhos, netos e demais descendentes dos seus mártires, muitos dos quais ainda moram ao redor do palco da guerra é proteger sua dignidade e honra.

Esse trabalho evidenciou o que era uma mera percepção, a sensação de aproveitamento de muitos pesquisadores que vêm à Canudos fuçam a vida, as histórias, as memórias da gente e não deixam nada de significativo, pelo contrário, exaltam seus trabalhos, seus títulos e formações em detrimento da memória do povo que nem sempre saí do anonimato, da invisibilidade e dos escombros de uma história má contada, interpretada e elitizada sem a devida valorização e carregada de uma perspectiva muitas vezes estereotipada, por isso que muitos populares não gostam de partilhar suas vivências, suas memórias. É partindo desse princípio que os descendentes do povo canudense devem contar pela própria ótica suas próprias histórias, a partir de suas dores, amores e vivências.

Assim, tem trilhado estas veredas muitos canudenses a exemplo de João Batista, Elane Santos, mestra pela UNEB, o Professor João Ferreira Damião, professora Maria Betânia de Carvalho, a jornalista Socorro Araújo, Julia Maria dos Santos (Duru), Zefinha Régis, Josefa Cardoso, historiadora pela UNEB, José Americo Amorim, Bião de Canudos, outros tantos artistas, Moisés Rabelo Varjão, graduado em História pelo CESVASF entre tantos outros descendentes conselheiristas que estão reconstruindo acontecimentos históricos a partir dos seus trabalhos, apontando novos elementos, sinalizando equívocos, inverdades e dando suas percepções a partir das vivências dos seus pais, avós, tios e demais parentes martirizados no genocídio que foi a guerra de Canudos.

Tendo exibido a fotografia de Aquilina (figura 1), apontamos um equívoco nos trabalhos dos pesquisadores que expõem a fotografia registrada por Pierre Verger, sem identificá-la, verificamos em muitos trabalhos, mas nos refutaremos em citar os autores por questões éticas, embora a grafia “Arquelina” ou “Maria Arquelina” apareça pela primeira vez citado por João Batista a algumas entrevistas, mas sem a associação da imagem ou seja, ela continuava sem ser identificada.

Provavelmente o pesquisador e parente João Batista tenha pronunciado “Arquelina” pelo costume de assim ouvir, porém, o correto conforme documentos e depoimentos dos filhos é Aquilina Maria da Conceição, nascida em 17 de setembro de 1917, filha de Maria Ernesto e sobrinha de Manoel Ernesto dos Santos que tomava a benção ao Conselheiro que era seu padrinho, nesse contexto apresentamos os antepassados da mulher que até então aparecia anonimamente na fotografia tirada por Verger. Iniciaremos a seguir a apresentação dos descendentes e suas memórias.

Convidamos o bisneto de Aquilina, João Batista, a nos contar um pouco de sua bisavó. Ele é um sujeito curioso por natureza, incansável pesquisador e vem construindo narrativas muito esclarecedoras sobre os esquecidos da história. Durante nossa conversa, ele narrou:

João Batista da Silva Lima: A primeira vez que eu vi minha bisavó em uma fotografia foi em 2009, no livro “Caderno de Fotografia Brasileira” edição Canudos, publicado pelo Instituto Moreira Salles e para mim, foi uma emoção muito forte. Primeiro porque a família pouco falava da minha bisavó e eu não conhecia de fato a história de luta e como ela participou de momentos históricos da segunda Canudos, como a vinda do Getúlio Vargas a Canudos, em 1940, como também não sabia que ela tinha sido fotografada por Verger em 1946.

Tudo isso, para mim foi uma surpresa, era uma foto pequena, que estava ali no livro, mas de uma grandeza única, que me fez despertar o interesse em conhecer mais sobre a sua história, foi uma emoção muito grande, eu lembro que em um dado momento fui com um livro na casa de tia Tereza, mostrando a foto, o livro, quando ela viu a foto ficou emocionada, depois mostrei a minha avó Ernestina, tudo foi muito emocionante, indescritível.

A partir daí fiquei tentando encontrar outras imagens e em 2023 eu tive a surpresa de receber das mãos da Fundação Pierre Verger, a imagem que hoje está no IPMC – Instituto Popular Memorial de Canudos, a outra imagem, não aquela que eu vi a princípio no livro Caderno de Fotografia, mas uma outra imagem que mostra a igreja da segunda Canudos ainda de pé, e ela com um sorriso lindo, com turbante.

Momento que me deixou muito emocionado e feliz. Quero lembrar aos leitores que a busca por essa fotografia a qual os autores desta pesquisa, mostrarão, iniciou em 2019 foi uma verdadeira saga, indo de pesquisador a pesquisador, de fundação a fundação e por fim em 2019 fui à Fundação Pierre Verger que protocolou a entrega, hoje essa imagem está no Instituto Popular Memorial de Canudos.

Articulei junto com o IPMC, convidei os familiares: filhos, filhas, netos, bisnetos e reunidos nos emocionamos com as inúmeras histórias que foram ditas, do quanto era uma mulher forte, alegre e aguerrida, foi um momento ímpar, gratificante a entrega da fotografia moldurada que está exposta no Instituto Popular Memorial de Canudos (informação verbal).⁴

⁴ LIMA, João Batista da Silva. Aquilina Maria da Conceição. [nov.2023]. Entrevistadores: JESUS, Carlos Carneiro de e NASCIMENTO, Eleuda Santos. Canudos, 2023. Gravação de áudio em celular.

Uma das fotos citadas pelo bisneto da Aquilina é a que está na fotorreportagem da revista “O Cruzeiro” intitulada de “As três mulheres” dos autores Pierre Verger e Odorico Tavares, respectivamente autores da fotografia e do texto, lamentavelmente ambos os autores não nominaram nem uma das mulheres e para Aquilina a descrição era “a beleza de Canudos, representada por uma mulher mais jovem”, segue adjetivando as moças inspirado na imagem:

[...] lindas mocinhas, sertanejas que desmentem encantadoramente as teorias das vitaminas, com o rosado de suas faces ou brilho de seus dentes, numa terra, onde a farinha de mandioca, a carne de bode e a rapadura são a base da alimentação. Temem a seca, como já temem os preços exorbitantes... (TAVARES;VERGER, 1947, p.18).

Debruçados sobre a pesquisa e centenas de fotografias na grande maioria digitais disponíveis no site⁵ da fundação Pierre Verger notamos que o foco é a figura humana e seus aspectos, suas relações com o trabalho, a crença e o contato com o outro. Nem nas fotos, nem na fotorreportagem, porém, são identificados os nomes das mulheres como aparecem no recorte abaixo. Todavia, o objetivo deste trabalho é exatamente dar nome a personalidades que sempre apareceram de forma anônimas em diversos trabalhos.

Figura 02. As três mulheres.



Fonte: Revista “O Cruzeiro”. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=003581&pagfis=54717> . Acesso em: 21 de abr. 2024.

A senhora com o cesto na cabeça é a dona Ermenegilda, conhecida na segunda Canudos como Menegilda, avó do mais celebre cantor de Canudos – Bião de Canudos,

⁵ <https://www.pierreverger.org/br>

a mulher do meio é avó da coautora deste trabalho e portanto, objeto de pesquisa deste artigo – Aquilina Maria da Conceição, a mulher com o lenço quadriculado na cabeça, segundo a depoente Dona Tereza, trata-se de Josefa, popularmente conhecida como Zefa de Tindé, infelizmente em nossas pesquisas, tanto bibliográficas quanto orais, não foram localizados seus nomes completos, de qualquer forma as mulheres nas imagens recebem a devida identificação e saem do anonimato, todas elas foram identificadas por seus descendentes, e pesquisadores local.

As entrevistas com os filhos e filhas de Aquilina aconteceram separadamente com exceção de Dona Tereza Aquilina da Conceição e Seu Manoel Nascimento da Conceição, na sala da casa de dona Tereza, capitada por anotações e áudios pelos autores, para depois serem transcritas na totalidade.

As demais entrevistas foram realizadas por meio de ligações e captação de áudio via rede social pela autora com a Dona Maria Aquilina da Conceição, Dona Josefa Aquilina da Conceição, falas que são similares a de Dona Tereza que lembram da Aquilina, sua mãe, indo pra feira vender as verduras que ela plantava nas leiras, a dedicação e solidariedade em ajudar o próximo que aparecem praticamente em todos os depoimentos. Ao olhar a foto de sua mãe tirada por Pierre Verger Dona Tereza disse “Mamãe era magra e morena, na época dessa foto ela deveria ter três filhos (informação verbal)”, perguntamos, então, se Aquilina era do tempo do seu João do Regis?

Tereza Aquilina da Conceição: Não, ela era mais nova, mamãe era de 17. Manoel Nascimento da Conceição: (Interrompe) ela era de 17 de setembro de 1917, era a data de nascimento. Ela nasceu 20 anos depois da guerra!?

Tereza Aquilina da Conceição: E na guerra o meu tio mais velho, tio Manezão, quando deram um tiro do Alto do Mário pra igreja, caiu um caco de telha na cabeça dele e feriu gravemente, depois disso ele passou sete anos sem andar. (informação verbal)⁶

Ficamos surpresos e perguntamos se o corte afetou os movimentos?

Tereza Aquilina da Conceição: Não! Ele tinha as pernas mole mesmo. Ele era pedreiro, mas era de um jeito que não fazia alicerce, porque não aguentava se abaixar nem se sentar pra trabalhar. Tinha que outra pessoa fazer o alicerce aí trabalhava. (informação verbal)⁷

Perguntamos então: Assim como a senhora recebe as pessoas que sempre veem para lhe entrevistar, Dona Aquilina também recebia, o pessoal?

6 CONCEIÇÃO, Manoel Nascimento da; CONCEIÇÃO, Tereza Aquilina da. Aquilina Maria da Conceição. [nov.2023]. Entrevistadores: JESUS, Carlos Carneiro de e NASCIMENTO, Eleuda Santos. Angico - Canudos, 2023. Gravação de áudio em celular.

7 Idem, ibidem.

Tereza Aquilina da Conceição: Eu não sei, acredito que não porque ainda não era tão comum e não me recordo de ninguém em casa pra falar ou perguntar sobre os nossos, nesse tempo não tinha esse negócio de entrevista...

Manoel Nascimento da Conceição: (Interrompe enfático) Nessa época não existia e também as pessoas tinham receio de falar.

Tereza Aquilina da Conceição: Mamãe era uma mulher disposta como não tem nenhuma filha dela...

Manoel Nascimento da Conceição: (Categórico) Tem sim, tem Tereza!

Tereza Aquilina da Conceição: Com a disposição de mamãe não, não tem nem uma de nós. Não sabia ler, mas tinha governo de muita coisa e por falar de governo, quando o presidente Getúlio Vargas chegou em Canudos ela foi uma das primeiras pessoas com quem ele falou, depois se reuniu com Izaias Canário. Mamãe era uma mulher disposta podia ser branco, podia ser preto, podia ser pobre, ela era disposta, atendia sem ver essas coisas, ela não tinha dificuldade, se tivesse uma pessoa precisando, ela fazia de tudo pra servir. Quando ela sabia que tinha uma moça grávida e que ninguém sabia quem era o cabra, ela não ia esbanjar, simplesmente botava o paninho na cabeça (fazendo o gesto e imitando o caminhar) ia bater lá, ao chegar confessava aquela moça, ao descobrir quem era o cabra ela ia até ele, era assim. Antigamente que não existia esse negócio de roubo, mas se caso tivesse uma suspeita: “fulano tá fazendo isso de errado” ela não ia dizer nem a Paulo e nem a Chico, ela ia lá no cabra (com tom de repreensão como se fosse a mãe alertando) “não faça isso que é errado! Oxe onde já se viu?” Por isso que eu tô dizendo que ela era muito disposta e que não tem nem uma filha dela que saiu a ela, nisso...

Manoel Nascimento da Conceição: (Afirmando) Tem e nós estamos diante dela, chama-se Tereza, na minha família dos Ernestos tem Tereza Aquilina da Conceição, eu tenho grande consideração pela autoridade de mãe, mulher em que todos os irmãos respeitam.

Tereza Aquilina da Conceição: Nisso, eu louvo a Deus, graças a Deus, todo mundo me respeita, se eu tiver em algum lugar e eu falar qualquer coisa, o respeito vem antes, graças a Deus sobre isto é verdade. Agora a disposição de mamãe era diferente, eu quando nova pegava um jegue botava uma cangalha, botava dois barris, pegava um balde enchia os barris e botava o balde na cabeça, levava água pras casas, pois naquela época era muita dificuldade de água e eu lembro que levei água pra quase todas as casas daqui. Certo dia eu e mamãe fomos buscar água lá no açude do finado João Vassoura (apontando com a mão e a cabeça sinalizando muita distância, para situar o leitor em quilômetros, subindo e descendo ladeiras o percurso dá em torno de 5 quilômetros) na volta passamos em finada Lucila que tinha um jirau⁸ carregado de aboboras, deu algumas pra mamãe, mas também deu uma batida⁹ e mamãe infuluída bebeu, talvez pelo calor, só deu tempo chegar em casa, diz ela que quando se deitou viu o mundo rodar, (gesticulando como se estivesse embriagada) a casa rodava e ela entontava (risos entre entrevistados e entrevistadores). Lembro disso como

8 Estrado de varas sobre forquilhas cravadas no chão e que serve para guardar utensílios ou estrado que dá suporte à cama ou cama de varas.

9 Bebida popular feita com frutas da temporada: maracujá do mato, limão, laranja, caju, açúcar e a cachaça, acrescentado com o gelo, caso tenha.

se fosse nestante. A gente veio com esse jegue carregado de água e abóbora e mamãe quieta. Ela não bebia, acho que ela não sabia que a batida tava forte, se fosse mais longe ela não tinha aguentado chegar em casa, por que foi chegar e ver o mundo rodar. (informação verbal)¹⁰

Interrogamos Dona Tereza, qual era a sua idade quando Dona Aquilina Faleceu?

Tereza Aquilina da Conceição: Eu já era adulta, tava com 19 anos. Os anos que tem que ela faleceu, são os anos que tem que eu casei, mamãe faleceu no dia 17 de maio e 64 e eu me casei no dia 25 de dezembro 64. Nessa época a nossa irmã mais velha (apontando para o senhor Manoel) Maria já estava casada e morando em São Paulo, foi embora em 63 e quem ficou com a turma foi eu (apontando para o irmão). Esse Mané era inganjento, chorão, rilento (momento de gargalhadas entre os irmãos e os entrevistadores), mas mamãe nunca bateu nele, quem batia era papai.

Manoel Nascimento da Conceição: Infelizmente não tenho muitas lembranças de mamãe, talvez porque eu era muito dengoso...

Tereza Aquilina da Conceição: Isso é verdade, pois foi o primeiro filho homem depois de seis filhas mulheres encarreadas, esse Mané misericórdia era dengoso demais. (informação verbal)¹¹

Após essa fala, Dona Tereza se retira para buscar algumas fotos que tem de sua mãe, ficamos esperançosos em nos deparar com surpresas, mas infelizmente as fotos que ela tem são as mesmas que encontramos em nossas pesquisas, ela nos mostra a foto notícia envelhecida da revista “O Cruzeiro”, algumas cartas de parentes falando desta reportagem e enquanto isso o seu irmão volta a narrar.

Manoel Nascimento da Conceição: Eu como era um menino dengoso sempre comia o resto e no prato da mamãe, mas a doença que parecia ser tuberculose e, portanto, contagiosa, as pessoas tinham medo de eu pegar.

Tereza Aquilina da Conceição: Não era tuberculose, pois se fosse eu seria a primeira a pegar. É mais fácil ter sido câncer do que tuberculose, não descobriram, mas eu acho ter sido câncer, tuberculose não, pois eu labutava com ela, lavava, fazia comida e tinha todos os cuidados e não usava proteção, nada de máscaras ou essas coisas aí. Ela morreu com 47 anos, nova, (enfática) nova, quando eu cheguei aos 47 anos eu pensei, vivi mais do que a vida de mamãe. Eu comecei a namorar no dia 24 de junho e no dia 24 de dezembro eu casei, mamãe já tinha falecido, ela não conheceu nem um neto, o neto mais velho dela é filho de Maria, 30 dias que ela faleceu a gente recebeu pelos correios o retrato de Claudio que vinha para mamãe, era o primeiro neto. (informação verbal)¹²

10 CONCEIÇÃO, Manoel Nascimento da; CONCEIÇÃO, Tereza Aquilina da. Aquilina Maria da Conceição. [nov.2023]. Entrevistadores: JESUS, Carlos Carneiro de e NASCIMENTO, Eleuda Santos. Angico - Canudos, 2023. Gravação de áudio em celular.

11 Idem, ibidem.

12 Idem, ibidem.

Perguntamos se Dona Tereza lembra do período da doença de Dona Aquilina, que infelizmente a causa é desconhecida.

Tereza Aquilina da Conceição: Lembro como se fosse ontem, ela sofreu muito. Chegou a ir para Jeremoabo, mas tudo era muito difícil então os remédios eram mais caseiros. (Cabisbaixa, voz embargada, Dona Tereza chora, provoca o choro do irmão e da entrevistadora, se recompõe e continua). Mamãe sofreu bastante. (Sobe o tom anunciando) Mas no dia dela morrer, ela sabia que ia morrer naquele dia. Determinou tudo da morte dela! Deitadinha na cama, tinha um negócio de dá uma tosse, quando ela tossia eu levantava, batia uma banana eu tomava um copo e dava outro a ela. Eu era forte!

Manoel Nascimento da Conceição: Era não, é! (Repetidamente afirmando que é, é forte! Exaltando a força e a bravura de sua irmã).

Tereza Aquilina da Conceição: Mamãe no dia dela morrer, disse: “Tereza vá”... (A emoção vem à tona escorre pelos olhos dos irmãos, trazida pela nostalgia, houve um longo momento de silêncio, quebrado pelos soluços que aos poucos foram passando e os irmãos se recompondo) “...Tereza, vá no Angico e traga Nossa Senhora, diga a seu Antônio que venha fazer meu caixão”. Nesse tempo era feito de mandacaru, pra vocês verem a dificuldade. Depois disse: “mande comprar seis açúcar e café”. Nunca me esqueci disso! Isso foi numa sexta, passou sábado e quando foi de madrugada ela faleceu. (Soluços de choro, lágrimas de tristezas e arrepios entre todos). Ela disse que sabia por que eram os mesmos sintomas da doença do pai dela, ela nunca fumou e nem bebia. (informação verbal)¹³

Perguntamos, então, se Dona Tereza lembrava de algum ensinamento que Dona Aquilina passou para ela e seus irmãos?

Tereza Aquilina da Conceição: Ah lembro sim, acho que mamãe era liberal. Quando acontecia de a gente ir pra festa ela dizia: “não vi, não sei, onde você ver, lá você deixe”. Mesmo ela nunca ter morado fora, tinha essa inteligência, ela sempre viveu aqui entre o Angico e a Barriguda, ela faleceu aqui (apontando para um alto, a casa, onde reside um dos filhos, o Joaquim). As mulheres que se diziam grã-finhas falavam “eh, Aquilina você não tem pecado, você não conhece nada”, diziam assim, porque ela nunca tinha saído daqui, eu por exemplo já fui à São Paulo, Salvador, Petrolina, Juazeiro e minha mãe nunca foi a nem um desses lugares. Carrego na lembrança mamãe trabalhando, arrancando capim de burro e palha de banana pra fazer colchão pras madames em Canudos, colocava aquele sacão na cabeça ou no jegue e tomava o rumo de Canudos pra ir vender. Ela fazia os estaleiros e plantava tanto em cima como no chão cebola, alho, deixava alguns em casa e vendia o resto, isso era mais difícil a vendagem, mas lembro que ela vendia da roça a cana caiana, goiaba, laranja. Ah ela fazia também o bolo de milho pra vender, o manué. Já teve tempo de plantar arroz, eu pastorei muito passarinho, espantava pra não comer o arroz

13 CONCEIÇÃO, Manoel Nascimento da; CONCEIÇÃO, Tereza Aquilina da. Aquilina Maria da Conceição. [nov.2023]. Entrevistadores: JESUS, Carlos Carneiro de e NASCIMENTO, Eleuda Santos. Angico - Canudos, 2023. Gravação de áudio em celular.

que papai plantou aí na demanda (apontando o local de baixada). Em casa tinha um pilão e mamãe pisava no pilão com duas pessoas e o bonito é que era cantando (cantarola a cantiga) “pisa o mió pererá, querem, vou deitar minha galinha, não dou um pinto a ninguém”(repete o ritmo em tom de ciranda e abre uma gaitada). Recordo que mamãe foi para o rio Vaza Barris quando estava cheio, eu disse o rio, pois ainda não tinha a construção do açude de Cocorobó, e alguns sobrinhos dela não querendo molhar o sapato, mamãe colocava o homem nos ombros e atravessava o rio. (informação verbal)¹⁴

Admirados, questionamos se não era criança ou adolescente?

Tereza Aquilina da Conceição: Oxe, que negócio de criança, era homem feito, marmanjo, ela jogava o homem nos ombros, entrava na água, se molhava, mas não deixava o cabra se molhar. Terminei dizendo que minha mãe Aquilina Maria da Conceição era uma mulher forte como nunca se viu, pra vocês terem ideia os sobrinhos dela que tinha muito carinho por ela, uma vez deram um abraço tão forte nela que quebraram três costelas, ela suportou essa dor por todo o tempo, papai morreu e nunca soube. (informação verbal)¹⁵

Ouvimos Dona Tereza e Seu Manoel com a trilha natural da caatinga ao som do berro dos bodes e batido dos chocalhos, entre um gole e outro de café, embalado por choro e emoção, percebendo também os efeitos da globalização no meio da caatinga interrompidos por vezes ao toque do celular rural, conectado a uma antena externa para captar o sinal, o celular é uma espécie de aparelho fixo, distinguindo do tradicional por não ser conjugado a tomadas e conter a antena.

Nota-se por meio das falas de João Batista e Dona Tereza que após 43 anos da guerra a população conselheirista, praticamente se manteve isolada, silenciosa e amedrontada até a visita de Getúlio Vargas, que cumpria agenda política na Canudos pós-guerra conselheiristas. Alguns registros fotográficos mostram o ex-presidente ao lado de populares e personalidades políticas da região. Embora Aquilina Maria da Conceição estivesse entre os populares, como afirmou Dona Tereza, infelizmente não encontramos registros fotográficos dela nessa ocasião.

Foi observado ainda que nenhum dos depoentes citou Belo Monte e sim Canudos, pois foi assim que passou a ser conhecido quando o Belo Monte foi destruído pela guerra, raramente encontramos menções ao povoado, reforçando o que disse os depoentes Dona Tereza e Seu Manoel. Parece que de fato as pesquisas pós-guerra iniciaram com a reportagem de Odorico Tavares e Pierre Verger, pois não há registros disponíveis anterior a esse trabalho da revista O Cruzeiro, e que remete a um povoado construído às margens

14 CONCEIÇÃO, Manoel Nascimento da; CONCEIÇÃO, Tereza Aquilina da. Aquilina Maria da Conceição. [nov.2023]. Entrevistadores: JESUS, Carlos Carneiro de e NASCIMENTO, Eleuda Santos. Angico - Canudos, 2023. Gravação de áudio em celular.

15 Idem, ibidem.

das ruínas do Belo Monte, as beiras do Vaza-Barris e conforme descrevem os historiadores Renato Ferraz, José Carlos Pinheiro e Manoel Neto:

Volvidos uns bons anos, vão reaparecendo os antigos de mistura com os novos moradores. Ninguém mais chama aquele local de Belo Monte e sim Canudos. Com as pedras e os escombros que ficaram são reerguidas a igreja de Santo Antônio e umas sessenta casas, capitaneadas pelo sobrado de altas portas e muitas janelas de frente. A única praça dava origem às segundas-feiras, dia de maior movimentação dos residentes e das gentes dos arredores. Afora isso, nada alterava os dias que passavam lentos e iguais naqueles sertões ínvios e, ao parecer, esquecido mesmo de Deus. (FERRAZ; PINHEIRO e NETO, 1991, p. 56).

Esse extrato textual dos historiadores reflete o que também percebemos, uma espécie de trauma coletivo das memórias, que eles evitam lembrar e com isso acabam as esquecendo. Entretanto ao ouvir os depoimentos dos filhos de Aquilina é possível perceber os muitos ensinamentos que ela deixou para os seus descendentes, como no exemplo de Josefa Helena Aquilina da Conceição, também conhecida como Zefinha:

Josefa Helena Aquilina da Conceição: Em casa eu nunca vi uma discussão de mamãe com papai, disso eu lembro com certeza, eu era menina, lembro também dos dias de sofrimento da doença dela, eu pegava o bacio (Penico; Recipiente em que se recolhem excrementos humanos) e ia jogar no mato, dentro das macambiras, ela botava muito catarro, disso eu lembro ainda. Recordo de uma vez que a gente criança tava indo pra rua junto com mamãe vender coentro eu, Eunice, não sei ao certo se era Helena ou Ernestina e a chuva nos pegou no caminho, pra gente se abrigar entramos de baixo do bueiro e a água levou os coentros tudo, mamãe ficou muito preocupada com a gente e depois a gente rio da situação. Ela era uma guerreira, tinha prazer em trabalhar nunca vi um negócio desse, trabalhava na roça, de enxada, nas leiras, ia pra toca, andava muito e era sempre disposta, mas depois ela foi adoecendo, adoecendo e Deus levou. (informação verbal)¹⁶

Fica nítido por meio dos depoimentos acima que Aquilina exerceu a sustentabilidade socioambiental inserida nas ações empreendedoras das atividades em seus pequenos negócios, ou seja, ela tinha uma preocupação com os recursos naturais e sociais de forma sustentável com uma constante responsabilidade de não degradar o meio ambiente com suas formas hereditárias de trabalho para que fossem transmitidas de geração em geração.

Assim, ela evitava práticas predatórias, ainda que houvesse nessa região a pressão latifundiária considerável. Era preciso para ela enquanto mulher empreendedora que

¹⁶ CONCEIÇÃO, Josefa Helena Aquilina da. Aquilina Maria da Conceição. [nov.2023]. Entrevistadora: NASCIMENTO, Eleuda Santos. São Paulo, 2023. Gravação de áudio em celular.

administrava a pouca renda e ajudava o esposo nas despesas com a prole e o lar, encontrar formas de sobreviver mais amenas, ainda que houvesse um cenário caracterizado pela miséria, pela falta de políticas públicas, pelo desemprego e conseqüente pelo o êxodo rural.

É conhecimento de todos os efeitos do êxodo rural que obrigava as famílias do campo irem para as cidades e os grandes centros urbanos em busca de melhores condições de vida, ela mulher da caatinga sabendo lidar com os efeitos das estiagens encontrou forma de gerar renda trabalhando fazendo leiras onde plantava verduras, especialmente o coentro para vender, junto com as frutas de temporada, mas o que se destacou foi a colheita da folha de bananeira e do capim de burro para confeccionar colchoes conforme disse Dona Tereza.

Transcrevemos o depoimento de Maria Edeuza da Conceição que ficou órfã em 1964 ainda na primeira infância, carinhosamente chamada de Lilia, a filha mais nova de Aquilina:

Maria Edeuza da Conceição: Acho que eu sou um dos filhos que quase não tem lembranças de mamãe, isso é triste pra mim, mas também pelo fato de eu ser criancinha na época, tinha apenas quatro anos. Porém, lembro de um sonho que tive aos sete anos e contei isso a papai: Ela me apareceu vindo com um sorriso cheio de carinho e dizia “Oi filha, vem pro colo de mamãe”, com os braços abertos, esperando o abraço, isso me arrepiava até hoje, era a mesma coisa de estar vendo a Lucia de mãe Tereza, acho ela muito parecida com a imagem de mamãe.

Despertei do sonho, chorando e imaginando ela me abraçando, acordei assim, com a sensação de ter esse momento real com ela.

Recordo também de um relato de alguém que dizia que mamãe estando de dieta¹⁷ de mim e da finada Dedefa foi ajudar a tirar a criação, umas cabras, da Demanda que tava comendo o arroz e ela ficou com água até a cintura isso me marcou pela coragem e disposição dessa mulher disposta. (informação verbal)¹⁸

Nota-se que a memória registra os fatos marcantes, fazendo o indivíduo recorrer sempre as lembranças para voltar a se emocionar como é caso dos irmãos Vicente José da Conceição e Ernestina Aquilina da Conceição que rememoram as qualidades de caráter e benevolência de sua mãe e assim nos contam:

Vicente José da Conceição: Na época em que mamãe morreu eu tinha nove anos, era pra lembrar mais do que lembro, só que me recordo dos últimos dias dela, quando ela já estava na rede vomitando, pois já estava doente. Esta é a

17 Resguardo, o puerpério, o pós-parto em que a mulher passa por modificações hormonais, físicas e emocionais.

18 CONCEIÇÃO, Maria Edeuza da. Aquilina Maria da Conceição. [nov.2023]. Entrevistadora: NASCIMENTO, Eleuda Santos. São Paulo, 2023. Gravação de áudio em celular.

cena que me acompanha por toda a vida, essa lembrança tá na minha cabeça muito forte. (informação verbal)¹⁹

Ernestina Aquilina da Conceição: Mamãe era uma mulher muito trabalhadeira, servideira, uma pessoa boa, boa mesmo e talvez por conta disso faleceu muito nova, ela era uma mulher querida por todo mundo. (informação verbal)²⁰

Para a psicologia a memória é um local de armazenamento, em que as informações ficam guardadas para ser usadas quando for preciso, conforme Schwartz & Reisberg (1991), para que possamos usar o material armazenado, a lembrança, torna-se necessário acessarmos essa informação. É a fase da recuperação que torna possível o acesso à informação, assim notamos que alguns filhos evitam recordar da mãe por conta do trauma que está fixado em suas memórias como a de Dona Josefa Helena:

Josefa Helena Aquilina da Conceição: O tempo foi cruel comigo, me causou esquecimento, venho esquecendo das coisas e agora tá cada vez pior, mas de mamãe lembro do que marcou a minha alma, quando ela estava doente na cama, bem magrinha e tia Antônia de João Botão fazia a lavagem no estomago, com isso mamãe vomitava, essas coisas eu lembro, mas infelizmente outras no momento não, até porque eu era muito pequena. (informação verbal)²¹

As entrevistas pareciam a caatinga, aparentemente era tudo igual, mas quando descia uma lágrima florescia o inesperado, assim aconteceu com o relato de Eunice Aquilina da Conceição:

Eunice Aquilina da Conceição: Para mim, Eunice Aquilina da Conceição, falar de mamãe é falar de uma pessoa de ouro, que a gente tenta encontrar as palavras certas e não tem para descrever a grandeza deste ser humano que fazia de tudo pra ajudar os outros, sempre com muita honestidade. Certa vez ela estando de dieta atravessa o rio cheio, o rio de Canudos com as pessoas e as coisas das pessoas que não sabiam nadar, eu até hoje não sei explicar essa situação pra ninguém da determinação e força desta mulher, como vocês veem ela era diferente, era especial, ela não aguenta ver ninguém passando na estrada e se questionava: “meu Deus será que aquela pessoa vai com fome? Será que ela tá com sede?” Era assim, mas só sossegava quando chamava a pessoa e perguntava se tava com fome, sede e acabava oferecendo um café, água e comida. Acho até que ela era um anjo em forma de pessoa, não tem outra explicação. Ela saía de casa na madrugada pra trabalhar, ajudar o meu pai a

19 CONCEIÇÃO, Vicente José da. Aquilina Maria da Conceição. [nov. 2023]. Entrevistadora: NASCIMENTO, Eleuda Santos. Canudos, 2023. Gravação de áudio em celular.

20 CONCEIÇÃO, Ernestina Aquilina da. Aquilina Maria da Conceição. [nov. 2023]. Entrevistadora: NASCIMENTO, Eleuda Santos. Canudos, 2023. Gravação de áudio em celular.

21 CONCEIÇÃO, Josefa Helena da. Aquilina Maria da Conceição. [nov.2023]. Entrevistadora: NASCIMENTO, Eleuda Santos. São Paulo, 2023. Gravação de áudio em celular.

criar os filhos e sempre com muito carinho e aquele sorriso cativante. (Desaba em choro. Silêncio. Respiração ofegante e profunda, se recompõe e continua). Era incrível o carinho que mamãe tinha por todos nós e por qualquer ser humano, eu desejava ser ao menos um quarto de toda aquela generosidade que ela carregava, por isso que Jesus, levou ela tão cedo, por ser caridosa, bondosa e por tudo que ela foi e representou para as pessoas e a nossa família, e que ela lá do céu continua a nos velar, observando e cuidado da gente (A nostalgia a leva às lágrimas mais uma vez). Perdi a minha mãe muito cedo, eu tinha apenas 16 anos, quando ela foi embora, ficou as lembranças do carinho. Nunca vi mamãe nervosa, gritando e nem batendo na gente, eu nunca levei nem um tapa de mamãe, ela nunca bateu em nenhum dos meus irmãos. De mamãe carrego muitas lembranças dos carinhos, da forma em que ela nos amava... É impossível falar de mamãe sem me emocionar, fecho o olho e a imagem dela é sempre doce com aquele sorriso que encantava a todo mundo. (informação verbal)²²

Propositalmente deixamos a filha mais velha por último – Maria Aquilina da Conceição, filha esta que teve seu nome formada a partir da inversão dos dois primeiros nomes da mãe. Assim ela nos diz:

Maria Aquilina da Conceição: Falar de minha mãe é sempre uma emoção muito grande, por que foi uma pessoa maravilhosa, tanto é que Deus chamou pro lado dele aos 47 anos, por ela ser uma pessoa especial (Relato com a voz sentida, quase que chorando). Mamãe era uma pessoa disposta, alegre, sorridente, prestativa ela não media consequência pra ajudar o próximo, trabalhava sem comodismo, nunca foi preguiçosa, sempre trabalhou pra ajudar meu pai que também trabalhava na Inspetoria²³ que agora é DNOCS - Departamento Nacional de Obras Contra as Secas, mas ele sofria do coração e se aposentou, assim, mamãe vivia pra cuidar e tratar dos outros, foi assim com toda a família. Mamãe juntava as crianças da vizinhança, os nossos primos pra brincar em casa, no terreiro, lembro bem do “passa anel”, a gente fazia uma roda ou uma fileira de frente pra quem tava com o anel e aí a gente passava as mãos por dentro das mãos de todos, só que em uma destas mãos a gente deixava cair o anel sem os outros notar. Depois perguntava em que mão estava o anel, quem acertasse virava o passador de anel. Tinha muitas outras brincadeiras, tinha o boto, a corda que a gente pulava fogueiro, sozinha e em grupo, tudo isso me enche de saudades, eu e mamãe a gente não tinha segredo, o que eu sabia, sentia ou vivia ela era a primeira pessoa pra quem eu contava e ela fazia a mesma coisa comigo, tudo isso é motivo de muita saudade. Quanto as fotos que encontraram dela, eu não tenho lembranças desse tempo e acredito que mamãe foi pega de surpresa, ela nunca recebeu estas fotos, como era um tempo mais lento, acho que ela nunca viu e nem ficou sabendo que saiu na revista. Mamãe era a filha caçula, tinha uma índole invejável e uma sabedoria que a

22 CONCEIÇÃO, Eunice Aquilina da. Aquilina Maria da Conceição. [nov.2023]. Entrevistadora: NASCIMENTO, Eleuda Santos. São Paulo, 2023. Gravação de áudio em celular.

23 Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS), que tinha por missão a construção de barragens e açudes para armazenamento de água.

gente não ver mais hoje em dia, pois com o pouco recurso ela ensinava os filhos, os ensinamentos que fizeram de todos nós pessoas respeitadas e honradas, tinha na memória muitas orações e nos ensinou, tinha um jeito fácil de explicar as coisas (voz embarga, um momento de silêncio). Lembro com muita clareza do cuidado, carinho e do amor que ela tinha para com todos, com minha vó, com o marido, meu pai né? Com todos nós os filhos enfim, com todos que precisassem dela. (informação verbal)²⁴

Figura 03: Os Irmãos, filhos de Dona AQUILINA MARIA DA CONCEIÇÃO.



Fonte: Acervo Natanael Santos – IPMC, 2023.

Na figura 3 aparecem da direita para a esquerda Maria Aquilina da Conceição, Tereza Aquilina da Conceição, Ernestina Aquilina da Conceição, Eunice Aquilina da Conceição, Josefa Aquilina da Conceição, Manoel Nascimento da Conceição e Vicente José da Conceição.

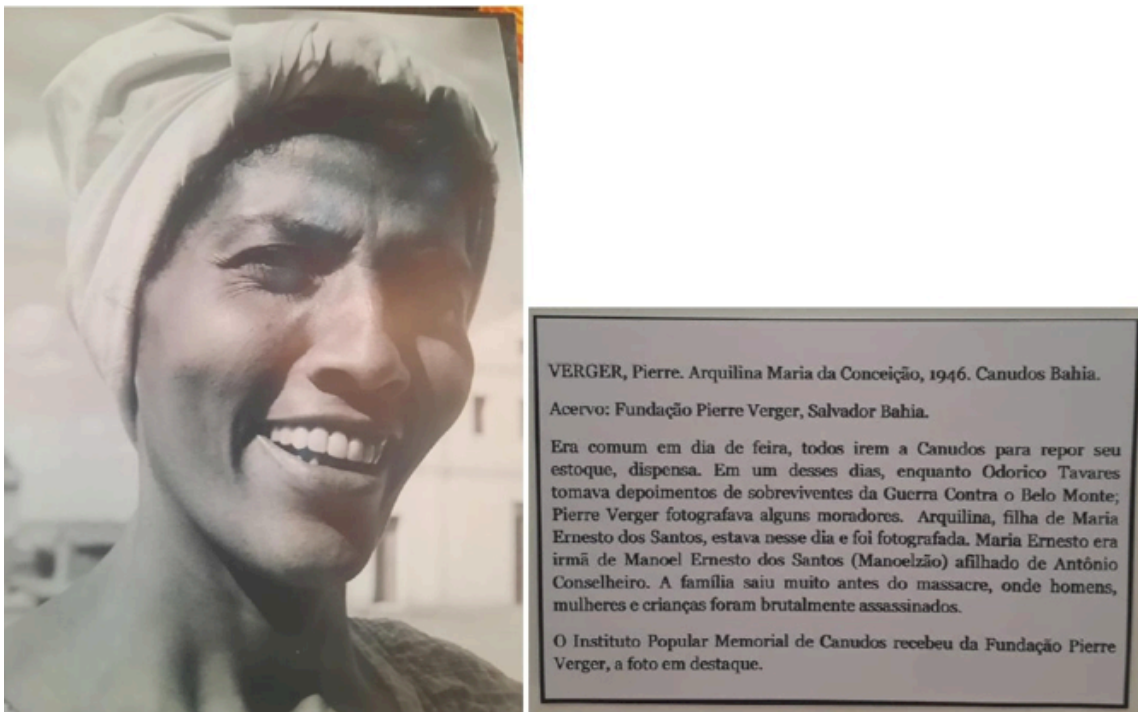
Por força maior as irmãs Josefa Helena Aquilina da Conceição e Maria Edeuza da Conceição não puderam estar presentes na cerimônia que homenageou a senhora Aquilina Maria da Conceição no dia 28 de julho de 2023 no Instituto Popular Memorial

²⁴ CONCEIÇÃO, Maria Aquilina da. Aquilina Maria da Conceição. [nov.2023]. Entrevistadora: NASCIMENTO, Eleuda Santos. São Paulo, 2023. Gravação de áudio em celular.

de Canudos -IPMC para receber a fotografia da Fundação Pierre Verger que foi doada aos familiares e hoje encontra-se exposta como acervo do Instituto Popular Memorial de Canudos Ainda citamos os filhos José Vicente da Conceição (in memória) e Josefa Edeuza da Conceição (in memória).

Por iniciativa do pesquisador João Batista que se inquietou ao ver e reconhecer a fotografia de sua bisavó pela primeira vez em um livro do Instituto Moreira Sales em 2009, foi iniciada a busca de mais informações, para ele qualquer vestígios era valido, foi em todos os pesquisadores local e em todos que ele tem contato e que lida com a temática Canudos e assim, chegou à Fundação Pierre Verger oficializando o pedido, protocolado a entrega, em 28 de junho de 2023 no Instituto Popular Memorial de Canudos, reunindo os familiares, conforme mostra a fotografia acima.

Figura 04: Reparação histórica - AQUILINA MARIA DA CONCEIÇÃO.



Fonte: Acervo dos autores.

Conforme vimos, quase nada do que se ver na foto chega perto da grandeza descritiva dos filhos e das pessoas que conheceram Aquilina mais intimamente e que por décadas continuou anônima para todos nós, descrevê-la tão somente pela imagem é reduzi-la ao apagamento onde a história por muitos anos a deixou esquecida.

Não adianta discutir nossa realidade em gabinetes ao ar condicionado, muitas vezes brindando ao sabor do whisky e não viverem a nossa realidade, sentindo o sol escaldante

cotidianamente, vendo a escassez de políticas públicas, da água, da comida tanto para o ser humano como para os animais, se faz mais do que urgente tirar do anonimato os vencidos, pois eles também merecem ser lembrados, exaltados para saírem dos escombros do apagamento, do anonimato e da figuração, conforme alerta José Calasans:

Os vencidos também merecem um lugar na História. Não devem ficar no anonimato. Precisam desfrutar da situação definida do “quem era quem”. Assim pensando, julgamos que a gente humilde que lutou, matou e morreu na guerra fratricida de Canudos, o Belo Monte de Antônio Conselheiro, faz jus a ingressar num texto de caráter biográfico (CALASANS, 1986, p. 04).

Nesse contexto, compreende-se que todos os seres humanos têm história, basta ter alguém para contar, ouvir ou dar a devida atenção. Em Canudos há muitas histórias a serem contadas, recontadas pois foram herdadas recheadas de caráter, respeito, lealdade, companheirismo e tantos outros adjetivos que atualmente vemos tão escassos diante de uma sociedade midiática, egoísta e capitalista.

Acreditamos que por ora a pesquisa alcançou seus objetivos ao dar nome à mulher da fotografia e conseguir ouvir o relato dos seus parentes, todavia sabemos da dificuldade de trilhar essa vereda que outrora foi estrada percorrida por grandes nomes e recontar o que já foi dito por outra perspectiva é sempre desafiador e cauteloso, entretanto é necessário, quando notamos lacunas.

CONCLUSÃO

O presente trabalho denunciou o anonimato de Aquilina Maria da Conceição que embora tenha sido fotografada pela primeira vez em 1946, por Pierre Verger em visita a Canudos para o trabalho que seria publicado no ano seguinte junto com Odorico Tavares na revista “O Cruzeiro”, ela continuou sem ser identificada, tendo inúmeros trabalhos acadêmicos desde artigos, dissertações e teses que reproduziram sua imagem e como antes não a nominaram, dessa forma este trabalho cumpriu essa meta.

Diante do exposto no presente artigo, resta-nos os frutos dessa pesquisa entre outros de dá nome a imagem anônima, exaltar a personalidade feminina de Aquilina, gerar mais uma fonte de estudo seja por meio da oralidade dos entrevistados e dos pesquisadores local sinalizando outras perspectivas aos estudiosos, professores de história do município, aos familiares, aos pesquisadores e curiosos da temática Canudos. Desse modo, o artigo exalta a importância deste trabalho para o rol das pesquisas referente aos sobreviventes e descendentes da guerra de Canudos.

Sendo assim, alertamos que há muitas memórias ainda para serem recuperadas, escritas e registradas por outros meios, diante desse aparato tecnológico disponível atualmente para os pesquisadores, retirando, assim, da invisibilidade, do anonimato,

alguns fatos, personalidades e sujeitos que se mantiveram como figurantes ou por trás das cortinas dos acontecimentos históricos.

Em suma, esperamos ter provocado nos leitores reflexões e questionamentos que possibilitem pesquisas e estimulem o aparecimento de artigos diversos, livros e outros recursos que maximizem a memória e a história do povo do sertão, especialmente aquelas que continuam as margens da literatura e não são vistas, lidas ou sentidas como merecem. Infere-se, portanto, a necessidade de contarmos nossa história a partir de nossas vivências e não mais permitir que muitos equivocadamente a contem pelo seu olhar muitas vezes elitista e excludente.

APÊNDICE A

ENTREVISTA COM TEREZA AQUILINA DA CONCEIÇÃO E MANOEL NASCIMENTO DA CONCEIÇÃO

CARLOS CARNEIRO e ELEUDA SANTOS NASCIMENTO: Gostaríamos que a senhora e o senhor nos contassem tudo que lembra de Dona Aquilina.

DONA TEREZA: Mamãe era uma mulher disposta como não tem nenhuma filha dela...

SEU MANOEL: Tem sim, tem Tereza!

DONA TEREZA: Não, com aquela disposição de mamãe não tem. Não sabia ler, mas tinha governo de muita coisa e por falar de governo, quando o presidente Getúlio Vargas chegou em Canudos ela foi uma das primeira pessoas com quem ele falou, depois se reuniu com Izaias Canario. Mamãe era uma mulher disposta podia ser branco, podia ser preto, podia ser pobre, ela era disposta, atendia sem ver essas coisas, ela não tinha dificuldade se tivesse uma pessoa precisando, ela fazia de tudo pra servir. Dessas coisas eu lembro muito bem. Quando ela sabia que tinha uma moça grávida e que ninguém sabia quem era o caba, ela não ia esbanjar, dizer aqui não, ela botava o paninho na cabeça e ia bater lá, ao chegar confessava aquela moça, ao descobrir quem era o caba ela ia até ele, era assim. Antigamente que não existia esse negócio de roubo, mas se caso tivesse uma suspeita: “fulano tá fazendo isso de errado” ela não ia dizer nem a Paulo e nem a Chico não, ela ia lá no caba. “não faça isso que é errado! Oxe onde já se viu?” Por isso que eu tô dizendo que ela era muito disposta e que não tem nem uma filha dela que saiu a ela nisso...

SEU MANOEL: Ainda tem e que nós estamos diante dela, olhando pra ela, chama-se Tereza, na minha família dos Ernestos tem Tereza Aquilina da Conceição, eu tenho grande consideração pela autoridade de mãe, mulher em que todos os irmãos respeitam...

DONA TEREZA: Sobre o respeito eu louvo a Deus, graças a Deus, todo mundo me respeita todo mundo, se eu tiver em algum lugar e eu falar qualquer coisa, o respeito vem antes, graças a Deus sobre isto é verdade. Agora a disposição de mamãe era diferente, eu quando era nova pegava um jegue botava uma cangalha, botava dois barris, pegava um balde enchia os barris e botava o balde na cabeça, levava água pras casas, pois naquela época era muita dificuldade de água e eu lembro que levei água pra quase todas as casas daqui. Eu lembro de mamãe que nós fomos buscar água lá no açude do finado do João Vassoura. Dá quase uma légua. Na volta passamos em finada Lucila que tinha um jirau carregado de aboboras, deu algumas pra mamãe, mas também deu uma batida mamãe, só deu tempo chegar em casa, diz ela que quando se deitou viu o mundo rodar, a casa rodava e ela entontava. Lembro disso como se fosse acontecido nestante. Oxe, tô dizeno. A gente veio com esse jegue carregado de água e abóbora e mamãe quieta. Mamãe não bebia, acho que ela não sabia que a batida tava forte, se fosse mais longe ela não tinha aguentado chegar em casa não, por que foi chegar e ver o mundo rodar...

C e E: Qual era a sua idade, Dona Tereza, quando dona Aquilina faleceu?

DONA TEREZA: Eu já era adulta, tava com 19 anos. Os anos que tem que ela faleceu, são os anos que tem que eu casei, mamãe faleceu no dia 17 de maio e 64 e eu me casei no dia 25 de dezembro 64. Nessa época a nossa irmã mais velha, Manoel a Maria já tava casada e morando em São Paulo, foi embora em 63 e quem ficou com a turma foi eu. Esse Mané era inganjento, chorão, rilento, mas mamãe nunca bateu nele, quem batia era papai...

SEU MANOEL: Mas eu era assim porque eu era muito dengoso.

DONA TEREZA: Isso é verdade, pois foi o primeiro filho homem depois de seis filhas mulheres encarreada, esse Mané misericórdia era dengoso demais...

SEU MANOEL: Quando eu era menino, aquela criança dengosa sempre comia o resto e no prato da mamãe, mas a doença que parecia ser tuberculose e, portanto, contagiosa, as pessoas tinham medo de pegar...

DONA TEREZA: Não foi tuberculose, pois se fosse eu seria a primeira a pegar. É mais fácil ter sido câncer do que tuberculose, não descobriram, mas eu acho ter sido câncer, tuberculose não foi, pois eu labutava com ela, lavava, fazia comida e tinha todos os cuidados e não usava proteção, nada de máscaras ou essas coisas aí. Ela morreu com 47 anos, nova, nova, quando eu cheguei aos 47 anos eu pensei vivi mais do que a vida de mamãe. Será que eu ultrapasso esses anos?

C e E: Dona Aquilina conheceu seu esposo?

DONA TEREZA: Não! Eu comecei a namorar no dia 24 de junho e no dia 24 de dezembro eu casei, mamãe já tinha falecido, ela não conheceu nem um neto, o neto mais velho dela é filho de Maria que no dia que completou 30 dias que ela faleceu a gente recebeu pelos correios o retrato de Claudio que vinha para mamãe.

SEU MANOEL: Eu tenho pouca lembrança de mamãe e pra mim uma pessoa que parece muito com ela é Lelé, minha filha. Tem um sorriso parecido e isso me dá alegria e pela feição que me lembra ela...

DONA TEREZA: Mamãe era magra e morena, na época dessa foto ela deveria ter três filhos.

C e E: Ela era do tempo do seu João do Regis?

DONA TEREZA: Não, ela era mais nova, mamãe era de 17.

SEU MANOEL: 17 de setembro de 1917 era a data de nascimento de mamãe. Ela nasceu 20 anos depois da guerra!

DONA TEREZA: E na guerra o meu tio mais velho, tio Manezão, quando deram um tiro do Alto do Mario pra igreja, caiu um caco de telha na cabeça dele e feriu grave, depois disso ele passou sete anos sem andar.

C e E: O corte afetou os movimentos?

DONA TEREZA: Não! É que ele que tinha as pernas mole mesmo. Ele era pedreiro, mas era de um jeito que não fazia alicerce, porque não aguenta se abaixar nem se sentar pra

trabalhar. Tinha que outra pessoa fazer o alicerce aí trabalhava.

C e E: Assim como a senhora recebe as pessoas que sempre vem para lhe entrevistar, Dona Aquilina também recebia, o pessoal?

DONA TEREZA: Eu não sei, acredito que não porque ainda não era tão comum e não me recordo de ninguém em casa pra falar ou perguntar sobre os nossos, nesse tempo não tinha esse negócio de entrevista, não.

SEU MANOEL: Em casa vinha muita gente, mas pra isso não. Na época não existia e também as pessoas tinham receio de falar.

C e E: Dona Tereza a senhora lembra do período da doença de Dona Aquilina?

DONA TEREZA: Lembro como se fosse ontem, ela sofreu muito. Chegou a ir para Jeremoabo, mas tudo era muito difícil então os remédios eram mais caseiros mesmo. Ela sofreu bastante. Foi muito dolorido ver o sofrimento. Mas no dia dela morrer, ela sabia que ia morrer naquele dia. Determinou tudo da morte dela! Deitadinha na cama, tinha um negócio de dá uma tosse, quando ela tossia eu levantava, batia uma banana eu tomava um copo e dava outro a ela. Eu era forte...

SEU MANOEL: Era não, é! É, é forte!

DONA TEREZA: No dia dela morrer, ela disse “Tereza vá”... “Tereza, vá no Angico e traga Nossa Senhora, diga a seu Antônio que venha fazer meu caixão”... Nesse tempo era feito de mandacaru, pra vocês verem a dificuldade. Né? Disse “mande comprar seis açúcar e café”. Nunca me esqueci disso! Isso foi numa sexta, passou sábado e quando foi de madrugada ela faleceu. Ela disse que sabia por que era os mesmos sintomas da doença do pai dela, ela nunca fumou e nem bebia.

C e E: A senhora lembra de algum ensinamento que Dona Aquilina passou para a senhora e os seus irmãos?

DONA TEREZA: Ah lembro sim, acho que mamãe era liberal. Quando acontecia da gente ir pra festa ela dizia: “não vi, não sei, onde você ver, lá você deixe. Mamãe sempre viveu aqui entre o Angico e a Barriguda, ela faleceu aqui. Ali naquela casa, lá em cima. As mulheres que se diziam grã-finhas, lá da cidade falava “eh, Aquilina você não tem pecado não, você não conhece nada”, diziam assim, porque ela nunca tinha saído daqui a não ser pra ir no medico, fora isso nunca. Daqui do Angico, Barriguda, de Canudos, né? E eu por exemplo já fui à São Paulo, Salvador, Petrolina, Juazeiro e minha mãe nunca foi a nem um desses lugares.

C e E: Na fotografia que tiraram dela na feira, ela tava vendendo o quê, como ela ajudava no sustento de casa?

DONA TEREZA: Ah, meu fio, ela arrancava capim de burro e palha de banana pra fazer colchão pras madame em Canudos, colocava aqueles sacão na cabeça ou no jegue e tomava o rumo de Canudos pra ir vender. Tudo era muito difícil, olhe eu era moça e tinha quatro vestido. Quatro vestido, o vestido mais caro que eu usei custou 50 mirreiros, mamãe comprava o pano e mandava fazer. Em casa nunca faltou comida, mamãe nunca

negou comida pra ninguém, qualquer pessoa que chegava comia, já teve vez da gente fazer comida pra mais de vinte pessoas, todos comiam e saiam saciados, parecia milagre e ainda sobrava. Ela fazia os estaleiros e plantava tanto em cima como no chão cebola, alho, deixava alguns em casa e vendia o resto, isso era mais difícil a vendagem, mas lembro que ela vendia da roça a cana caiana, goiaba, laranja. Ah ela fazia também o bolo de milho pra vender, o manué. Mamãe era disposta demais! Em casa tinha um pilão e mamãe pisava no pilão com duas pessoas e o bom que era cantando. Vou tentar cantar: “pisa o mió pererá querem, vou deitar minha galinha, não dou um pinto a ninguém”. Repete umas duas vezes a cantiga. Ali na baixada, já teve tempo de plantar arroz, eu pastorei muito passarinho, espantava pra não comer o arroz que papai plantou aí na Demanda. Ela ia para o rio Vaza Barris quando estava cheio, eu disse o rio, pois ainda não tinha a construção do açude de Cocorobó, e alguns sobrinhos dela não querendo molhar o sapato, mamãe colocava o homem nos ombros e atravessava o rio.

C e E: Oxe, homem ou criança?

DONA TEREZA: Que negócio de criança! Era homem feito, marmanjo, ela jogava o caba nos ombros, entrava na água, se molhava, mas não deixava o caba se molhar. Ela era uma mulher forte como nunca se viu, pra vocês terem ideia os sobrinhos dela que tinha muito carinho por ela, uma vez deram um abraço tão forte nela que quebraram três costelas, ela suportou essa dor por todo o tempo que papai morreu e nunca soube. Ela ficou com medo de contar. Pois é meus fios essas são as coisas que ainda lembro de mamãe, tomara que ajude vocês, de vez em quando é bom lembrar eu até chorei e choro sempre, num tem jeito.

APÊNDICE B

ENTREVISTA COM JOÃO BATISTA DA SILVA LIMA

CARLOS CARNEIRO e ELEUDA SANTOS NASCIMENTO: Gostaríamos que você nos dissesse como tomou conhecimento da importância de Dona Aquilina, sua bisavó, como foi ver a foto dela em revistas e jornais? Nos faça uma síntese do misto da emoção enquanto parente e enquanto estudioso do tema de Canudos, diga-nos o que você conhece, descobriu e o que achar interessante.

JOÃO BATISTA: A verdade é que foi uma jornada difícil. A primeira vez que eu vi minha bisavó em uma fotografia foi em 2009, no livro “Caderno de Fotografia Brasileira” edição Canudos, publicado pelo Instituto Moreira Salles e para mim, foi uma emoção muito forte. Primeiro porque a família pouco falava da minha bisavó e eu não conhecia de fato a história de luta e como ela participou de momentos históricos da segunda Canudos, como a vinda do Getúlio Vargas a Canudos, em 1940, como também não sabia que ela tinha sido fotografada por Verger em 1946. Tudo isso, para mim foi uma surpresa, era uma foto pequena, que estava ali no livro, mas de uma grandeza única, que me fez despertar o interesse em conhecer mais sobre a sua história, foi uma emoção muito grande, eu lembro que em um dado momento fui com um livro na casa de tia Tereza, mostrando a foto, o livro, quando ela viu a foto ficou emocionada, depois mostrei a minha avó Ernestina, tudo foi muito emocionante, indescritível. A partir daí fiquei tentando encontrar outras imagens e em 2023 eu tive a surpresa de receber das mãos da Fundação Pierre Verger, a imagem que hoje está no IPMC – Instituto Popular Memorial de Canudos, a outra imagem, não aquela que eu vi a princípio no livro Caderno de Fotografia, mas uma outra imagem que mostra a igreja da segunda Canudos ainda de pé, e ela com um sorriso lindo, com turbante. Momento que me deixou muito emocionado e feliz. Quero lembrar aos leitores que a busca por essa fotografia a qual os autores desta pesquisa, mostrarão, iniciou em 2019 foi uma verdadeira saga, indo de pesquisador a pesquisador, de fundação a fundação e por fim em 2019 fui à Fundação Pierre Verger que protocolou a entrega, hoje essa imagem está no Instituto Popular Memorial de Canudos. Articulei junto com o IPMC, convidei os familiares: filhos, filhas, netos, bisnetos e reunidos nos emocionamos com as inúmeras histórias que foram ditas, do quanto era uma mulher forte, alegre e aguerrida, foi um momento ímpar, gratificante a entrega da fotografia moldurada que está exposta no Instituto Popular Memorial de Canudos.

APÊNDICE C

ENTREVISTA COM MARIA AQUILINA DA CONCEIÇÃO.

ELEUDA SANTOS NASCIMENTO: Queria que a senhora contasse um pouco das suas lembranças que tem de Dona Aquilina, sua mãe. O que ela fazia pra ajudar o esposo na criação dos filhos e como ela era? Ela falou com algum repórter ou historiador e como foi que a foto dela foi parar em jornal e revistas?

MARIA AQUILINA: Boa tarde, filha, que Deus te abençoe com bastante luz, saúde e paz. Falar de minha mãe é sempre uma emoção muito grande, por que foi uma pessoa maravilhosa, que a gente sente uma saudade, uma saudade enorme. Ela era tão especial que Deus chamou pro lado dele aos 47 anos, por ela ser uma pessoa especial. Não tem como não chorar, desculpa mia fia. Mamãe era uma pessoa disposta, alegre, sorridente, prestativa ela não media consequência pra ajudar o próximo, trabalhava sem comodismo, nunca foi preguiçosa, sempre trabalhou pra ajudar meu pai que também trabalhava na Inspetoria, não sei se vocês já ouviram falar da Inspetoria, que agora é DNOCS – um órgão que trabalha contra a seca, mas ele sofria do coração e se aposentou, assim, mamãe vivia pra cuidar e tratar dos outros, foi assim com toda a família. Mamãe juntava as crianças da vizinhança, os nossos primos pra brincar em casa, no terreiro, lembro bem do “passa anel”, de boto, corda, nós brincava de tudo, o passa anel a gente fazia uma roda ou uma fileira de frente pra quem tava com o anel e aí a gente passava as mãos por dentro das mãos de todos, só que em uma destas mãos a gente deixava cair o anel sem os outros notar. Depois perguntava em que mão tava o anel, quem acertasse virava o passador de anel. Tinha muitas outras brincadeiras, tinha o boto, a corda que a gente pulava foguinho, sozinha e em grupo, tudo isso me enche de saudades, eu e mamãe a gente não tinha segredo, o que eu sabia, sentia ou vivia ela era a primeira pessoa pra quem eu contava e ela fazia a mesma coisa comigo, tudo isso é motivo de muita saudade. Quanto as fotos que encontraram dela, eu não tenho lembranças desse tempo e acredito que mamãe foi pega de surpresa, ela nunca recebeu estas fotos, como era um tempo mais lento, acho que ela nunca viu e nem ficou sabendo que saiu na revista. Mamãe era a filha caçula, tinha uma índole invejável e uma sabedoria que a gente não ver mais hoje em dia, pois com o pouco recurso ela ensinava os filhos as orações, ensinava a agradecer a Deus, os ensinamentos que fizeram de todos nós pessoas respeitadas e honradas, tinha na memória muitas orações e nos ensinou, tinha um jeito fácil de explicar as coisas. Era de uma sabedoria grande. Ela se dedicava muito a tarefa de ajudar a quem precisasse dela. Lembro com muita clareza do cuidado, do carinho e do amor que ela tinha para com todos, com minha vó, com o marido, meu pai né? Com todos nós os filhos enfim, com todos que precisassem dela. Isso é o que tô lembrando nesse momento, minha filha, espero que eu tenha falado alguma coisa que acrescente, tá bom? Um beijão no coração, fique com Deus.

APÊNDICE D

ENTREVISTA COM JOSEFA AQUILINA DA CONCEIÇÃO.

ELEUDA SANTOS NASCIMENTO: Queria que a senhora contasse um pouco das suas lembranças que tem de Dona Aquilina, sua mãe. O que ela fazia pra ajudar o esposo na criação dos filhos e como ela era? Enfim, conte tudo que a senhora lembrar.

JOSEFA AQUILINA: Oh minha linda, que bom, que maravilha isso! Em casa eu nunca vi uma discussão de mamãe com papai, disso eu lembro com certeza, eu era meninota, lembro também dos dias de sofrimento da doença dela, eu pegava o bacio e ia jogar no mato, dentro das macambira, ela botava muito catarro, disso eu lembro ainda. Era um sofrimento pra ela e pra nós. Recordo de uma vez que a gente criança tava indo pra rua junto com mamãe vender coentro eu, Eunice, não sei ao certo se era Helena ou Ernestina e a chuva nos pegou no caminho, entramos de baixo do bueiro, pra passar a chuva e a água levou os coentros tudo, mamãe ficou muito preocupada com a gente e depois a gente rio da situação. Ela era uma guerreira, tinha prazer em trabalhar nunca vi um negócio desse, trabalhava na roça, de enxada, nas leiras, ia pra toca, andava muito e era sempre disposta, mas depois ela foi adoecendo, adoecendo e Deus levou.

APÊNDICE E

ENTREVISTA COM EUNICE AQUILINA DA CONCEIÇÃO.

ELEUDA SANTOS NASCIMENTO: Queria que a senhora contasse um pouco das suas lembranças que tem de Dona Aquilina, sua mãe. O que ela fazia, como ela era? Enfim, conte tudo que a senhora lembrar.

EUNICE AQUILINA: Oh meu anjo, tudo bem? Que Deus abençoe. Para mim, falar de mamãe é falar de uma pessoa de ouro, que a gente tenta encontrar as palavras certas e não tem para descrever a grandeza deste ser humano que fazia de tudo pra ajudar os outros, sempre com muita honestidade. Certa vez ela estando de dieta atravessa o rio cheio, o rio de Canudos com as pessoas e as coisas das pessoas que não sabia nadar, eu até hoje não sei explicar essa situação pra ninguém da determinação e força desta mulher. Você nota que ela era diferente, era especial, ela não aguenta ver ninguém passando na estrada e se questionava: “meu Deus será que aquela pessoa vai com fome? Será que ela tá com sede?” Era assim, mas só sossegava quando chamava a pessoa e perguntava se tava com fome, sede e acabava oferecendo um café, água e comida. Acho até que ela era um anjo em forma de pessoa, não tem outra explicação. Ela saía de casa na madrugada pra trabalhar, ajudar o meu pai a criar os filhos e sempre com muito carinho e aquele sorriso cativante. Desculpe o choro. Era incrível o carinho que mamãe tinha por todos nós e por qualquer ser humano, eu desejava ser ao menos um quarto de toda aquela generosidade que ela carregava, por isso que Jesus, levou ela tão cedo, por ser caridosa, bondosa e por tudo que ela foi e representou para as pessoas e a nossa família, e que ela lá do céu continue a nos velar, observando e cuidado da gente. Sou muito agradecida a Deus pela mãe que tive. Perdi a minha mãe muito cedo, eu tinha apenas 16 anos, quando ela foi embora, ficou as lembranças do carinho. Ela tinha um carinho, sabe? Nunca vi mamãe nervosa, gritando e nem batendo na gente, eu nunca levei nem um tapa de mamãe, ela nunca bateu em nenhum dos meus irmão. Com papai convivi bastante, ele tinha uma palmatória, sabe aquela palmatória redonda? Ele chamava a gente num canto e batia na mão da gente, dizendo isso é por causa disso, isso é por que você não fez a lição. Isso é porque você respondeu. E ia dizendo os motivos. É sempre com lágrimas que falo de mamãe, pois carrego muitas lembranças dos carinhos, da forma em que ela nos amava... É impossível falar de mamãe sem me emocionar, fecho o olho e a imagem dela é sempre doce com aquele sorriso que encantava a todo mundo. Um beijo meu anjo, fica com Deus, te amo.

APÊNDICE F

ENTREVISTA COM ERNESTINA AQUILINA DA CONCEIÇÃO.

ELEUDA SANTOS NASCIMENTO: Queria que a senhora contasse um pouco das suas lembranças que tem de Dona Aquilina, sua mãe. Enfim, conte tudo que a senhora lembrar.

ERNESTINA AQUILINA: Oi mia fia. Mamãe era uma mulher muito trabalhadeira, servideira, uma pessoa boa, boa mesmo viu? Trabalhou muito e talvez por conta disso faleceu muito nova, nova demais. Ela era uma mulher querida por todo mundo. Tereza parece muito com ela, a casa tá sempre cheia, serve todo mundo. Mamãe era assim, muito limpa, a casa sempre limpa. Não lembro de nada ruim de mamãe não.

APÊNDICE G

ENTREVISTA COM VICENTE JOSÉ DA CONCEIÇÃO.

ELEUDA SANTOS NASCIMENTO: Queria que a senhor contasse um pouco das suas lembranças que tem de Dona Aquilina, sua mãe. Conte tudo que a senhor lembrar.

VICENTE JOSÉ: Na época em que mamãe morreu eu tinha nove anos, era pra lembrar mais do que lembro, e num tem jeito pra lembrar mais. Num sei o que é. Eu era pequeno, mais novo do que Mané. E me recordo dos últimos dias dela, quando ela já estava na rede vomitando, pois já estava doente. Esta é a cena que me acompanha por toda a vida, essa lembrança tá na minha cabeça muito forte.

FONTES ORAIS (Referências Entrevistas)

CONCEIÇÃO, Ernestina Aquilina da. **Aquilina Maria da Conceição**. [nov.2023]. Entrevistadora: NASCIMENTO, Eleuda Santos. Canudos, 2023. Gravação de áudio em celular.

CONCEIÇÃO, Eunice Aquilina da. **Aquilina Maria da Conceição**. [nov.2023]. Entrevistadora: NASCIMENTO, Eleuda Santos. São Paulo, 2023. Gravação de áudio em celular.

CONCEIÇÃO, Josefa Aquilina da. **Aquilina Maria da Conceição**. [nov.2023]. Entrevistadora: NASCIMENTO, Eleuda Santos. Euclides da Cunha, 2023. Gravação de áudio em celular.

CONCEIÇÃO, Josefa Helena Aquilina da. **Aquilina Maria da Conceição**. [nov.2023]. Entrevistadora: NASCIMENTO, Eleuda Santos. São Paulo, 2023. Gravação de áudio em celular.

CONCEIÇÃO, Manoel Nascimento da; CONCEIÇÃO, Tereza Aquilina da. **Aquilina Maria da Conceição**. [nov.2023]. Entrevistadores: JESUS, Carlos Carneiro de e NASCIMENTO, Eleuda Santos. Angico - Canudos, 2023. Gravação de áudio em celular.

CONCEIÇÃO, Maria Aquilina da. **Aquilina Maria da Conceição**. [nov.2023]. Entrevistadora: NASCIMENTO, Eleuda Santos. São Paulo, 2023. Gravação de áudio em celular.

CONCEIÇÃO, Maria Edeuza da. **Aquilina Maria da Conceição**. [nov.2023]. Entrevistadora: NASCIMENTO, Eleuda Santos. São Paulo, 2023. Gravação de áudio em celular.

CONCEIÇÃO, Vicente José da. **Aquilina Maria da Conceição**. [nov. 2023]. Entrevistadora: NASCIMENTO, Eleuda Santos. Canudos, 2023. Gravação de áudio em celular.

LIMA, João Batista da Silva. **Aquilina Maria da Conceição**. [nov.2023]. Entrevistadores: JESUS, Carlos Carneiro de e NASCIMENTO, Eleuda Santos. Canudos, 2023. Gravação de áudio em celular.

BIBLIOGRAFIA

LIMA, João Batista da Silva. **Maria Ernesto: das ruínas à imagem**. Anais Interlinhas - Pós-Crítica/UNEB 2023.

CALASANS, José. **Quase biografias de jagunços: o séquito de Antônio Conselheiro**. Salvador C.E.B, UFBA, 1986.

CANÁRIO, E. (2002). **Canudos sob as águas da ilusão**. Salvador: CEEC; UNEB.

FERRAZ, Renato. PINHEIRO, José Carlos. NETO, Manoel. **Cartilha Histórica de Canudos**. Salvador: Universidade do Estado da Bahia, 1991.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes: 2002. p. 64-89.

TAVARES, Odorico. **Canudos Cinquenta Anos Depois (1947)**. Salvador: Conselho Estadual de Cultura/Academia de Letras da Bahia/Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1993.

TAVARES, Odorico; VERGER, Pierre. **O reduto de Antônio Conselheiro**. O Cruzeiro, Rio de Janeiro, ano XIX, número 39, p. 9-18, Julho, 1947.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

TODOROV, Tezvetan. **Memoria Del mal, tentación Del bien – Iindagación sobre El siglo XX**. Barcelona: Ediciones Península, 2002.

SCHWARTZ, B., & Reisberg, D. (1991). **Learning and Memory**. New York: W. W. Norton & Company.

<http://www.pierreverger.org/br/acervo-foto/fototeca/category/429-canudos.html>. (Acesso: 19 de nov. 2023).